"*Eu defenderei até a morte o novo por causa do antigo e até a vida o antigo por causa do novo. O antigo que foi novo é tão novo como o mais novo*".

Augusto de Campos, no livro **Verso, reverso, contra verso.**

"*Conservar, sem ser conservador*", lema do Grupo Oficina de Restauro, de Minas Gerais, vem traduzir com precisão a necessidade de que os conceitos de restauração não sejam rígidos, mas adaptados á dinâmica da história e ás variações do pensamento humano. De fato, há que se pensar as intervenções de restauro se utilizando de conceitos atemporais, cristalizados, adaptados às variações filosóficas e tecnológicas, estas temporais, possibilitando que os procedimentos de conservação, manutenção e restauração estejam inseridos na sua contemporaneidade, no que se pode chamar de revitalização.

Leonardo Boff no seu artigo **O Ecocídio e o Biocídio**, para a publicação **Os Sete Pecados do Capital**, escrito em 1999 especula, com propriedade, que a grande questão político/filosófica do Homem no século XXI será a preservação ambiental e a ela se subordinarão todos os demais procedimentos tecnológicos da humanidade. Certo é que a sobrevivência do Planeta, como fator primário de permanência da Humanidade, deve sobrepujar todo é qualquer modo de pensar e se comportar, e torna-se necessário, em todas as áreas do fazer humano, ir se adaptando a este conceito maior. O aspecto ético deve se aliar às formulações jurídicas para que se priorize a preservação ambiental, e isto já vem sendo inserido em diversos campos do conhecimento.

A evolução contemporânea dos padrões de intervenções em núcleos históricos urbanos vem contemplando, em todo o mundo, a convivência de construções atuais com edifícios vetustos, aliando a memória histórica à arquitetura moderna. Isto demanda bom senso e discernimento estético, onde ambos resultem devidamente valorizados como arquitetura e como signos temporais, desde que estejam plasticamente integrados. A par disso, os conceitos de preservação estão se tornando maleáveis às necessidades da inserção destas edificações com o contexto urbano, onde há que se compatibilizar a preservação da memória, com a viabilidade dos investimentos. Para tanto não devem ser feridos conceitos sedimentados de preservação e estes se mantenham como prioridades dentro do novo enfoque, que envolve padrões de coexistência entre tecnologias pregressas e atuais, para as áreas objeto desta intervenção

No prédio primitivo do Hospital Santa Isabel, na estrutura do seu telhado, assoalho e barroteamento de piso, em madeira, existe um aspecto a ser observado no que concerne às suas patologias, e que demanda uma reflexão mais profunda sobre o custo/benefício ecológico, da intervenção pretendida. A degradação do madeiramento ocorreu de forma geral, mas com maior intensidade no lado esquerdo de quem olha o monumento pela frente.

No caso deve-se considerar as grandes dimensões das peças de madeira da estrutura do telhado e piso do sótão, como comum nas edificações antigas, e as restrições hoje existentes para o uso de madeira de lei, notadamente oriundas de árvores de grande porte. Assim, se indica que as peças deterioradas do lado direito, com menos danos, sejam recompostas com as peças ainda estáveis da estrutura do lado esquerdo, e outras que, inevitavelmente, terão que ser novas, para complementar o conjunto das que terão de ser substituídas. A estrutura de sustentação do telhado do lado esquerdo, por sua vez, será refeita com peças metálicas, com um traçado moderno, mantendo a volumetria e declividades da cobertura. Assim se terá de um lado a estrutura primitiva, na forma e no material (madeira) de sua confecção, e de outro, uma estrutura com material contemporâneo (metal/painel wall/piso industrializado), com risco diferente da antiga, inclusive possibilitando o aproveitamento do espaço.

A intervenção, portanto, ocorrerá sem que seja inserido um grande número de novas peças de madeira, evitando-se contribuir para aumentar o desmatamento, mesmo que a madeira a ser utilizada seja, e o será, certificada. O contraste entre as duas estruturas marcará de forma bem definida a intervenção, separando claramente as estruturas, antiga e nova, na sua forma e materiais utilizadas, tornando-se também didática, além de melhorar a capacidade funcional do imóvel, ao permitir a que parte do seu sótão aonde entrará a nova estrutura metálica passe a ser tratada como área útil.

Deve-se salientar que o uso de estruturas metálicas em substituição ao madeiramento, na restauração de prédios vetustos, vem sendo a cada dia mais aceito e difundido por todo o mundo, notadamente naqueles países e/ou instituições de preservação do Patrimônio onde a consciência ecológica e a legislação ambiental, são consistentes. A utilização de materiais contemporâneos à intervenção está embasada em trecho do artigo 9 da **Carta de Veneza** (1964):

"*(...) todo trabalho de complementação reconhecido como indispensável por razões estéticas ou técnicas, se baseia na composição arquitetônica e levará a marca de nosso tempo*"; e também no artigo 12 do mesmo documento: "*Os elementos destinados a refazer as partes inexistentes devem integrar-se harmoniosamente ao conjunto, distinguindo-se claramente das originais, a fim de que a restauração não falsifique o documento artístico ou histórico*".

Finalizando, como reforço ao tratamento sugerido, invoca-se o arquiteto Glauco Campelo, ex-Presidente do IPHAN, que no último quartel do século XX, declarou: "*Eu não posso transmitir ao século XXI, um edifício do século XVII, sem deixar sobre ele alguma marca do momento cultural que estou vivendo*".